

WANDERSON DOS SANTOS NASCIMENTO

O ONDJANGO FEMINISTA

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

## **RESUMO**

O presente artigo apresenta o movimento ativista de base feminista denominado de “Ondjango Feminista”, formado por mulheres negras em Angola, país situado no continente africano. Tal movimento, surgido no ano de 2016, apresenta uma série de propostas que visam mitigar os casos de violências sofridas pelas mulheres angolanas no cotidiano. Para que a ação social seja mais eficaz e mais acessível, as fundadoras utilizam de algumas ferramentas importantes, a exemplo das redes sociais, a fim de colher denúncias de violência e maus-tratos contra a mulher. Embora considerado recente, o Ondjango tem obtido consideráveis resultados, mesmo enfrentado forte repulsa do machismo, do patriarcalismo e do preconceito impregnado na sociedade angolana.

**Palavras-chave.** Feminismo. Violência. Movimentos Sociais. Ondjango. Angola.

## INTRODUÇÃO

Com variados objetivos, causas, demandas e reivindicações de naturezas política e social, os movimentos sociais, de modo geral, são fundamentais para a nossa sociedade. Eles surgem geralmente quando há necessidade de defender algo e, principalmente, quando o Estado se mostra ineficiente. Tal como vimos nos textos trabalhados em sala de aula, movimento social pode ser identificado mais facilmente a partir de um contexto onde um grupo de pessoas, por exemplo, se reúnem a fim de alcançar determinados propósitos, seja de apoio ou contrário ao governo, seja para manter algo (conservador), seja para transformar, revolucionar, entre outros.

Quando determinado movimento social contraria ao governo e/ou grupos, o conflito é quase que inevitável, porém existem movimentos que de certa forma estão vinculados diretamente com a máquina estatal. Ou seja, para que um movimento de ordem social seja considerado como tal não necessariamente deve estar em relação de conflito com o próprio Estado, até porque este é uma organização política. Outro ponto importante sobre essa relação que ocorre entre Estado e movimentos sociais se refere à representatividade.

Para ilustrar este processo de representatividade, trago aqui uma dinâmica muito interessante que ocorreu em sala de aula na disciplina de Estado e movimentos Sociais da seguinte forma: a docente solicitou que os discentes formassem dois grupos, um em favor do vínculo do movimento social com o Estado, enquanto que o outro contra. Depois de formados e tendo estabelecendo as regras, os grupos deram início ao debate. Os que saíram em defesa tiveram diversos argumentos, mas o argumento de mais destaque foi no sentido de que para um determinado movimento consiga alcançar qualquer objetivo é necessário que este esteja representado na conjuntura política. Por outro lado, o grupo contrário expôs que criar vínculo com o Estado traria uma série de riscos e até a perda de sentido social para o próprio movimento.

Como se pode ver com a dinâmica apresentada acima, os movimentos sociais muitas das vezes são processos complexos e até mesmo contraditórios, a meu ver o diálogo é um elemento fundamental e que deve ser mantido com o Estado, porque queira ou não estamos inseridos nele, mas como sabemos cada movimento tem sua

especificidade e adota suas táticas para reivindicação de algo que às vezes ocorre com o uso da violência e do conflito armado.

## **O odjango feminista**

<sup>1</sup>Criado no ano de 2016 “o coletivo feminista autônomo de ativismo e educação em prol da realização dos direitos humanos das mulheres e meninas em Angola, a partir de uma perspectiva de justiça social, solidariedade e liberdade” tem prestado relevantes serviços ao público feminino de Angola. A ideia de criação deste coletivo partiu da iniciativa de oito mulheres: Âurea Mouzinho, Cecília Kitombe, Delma Monteiro, Florita Telo, Luzolo Feliz, Nininha Cunha, Sizaltina Cutaia e Xano Maria, sendo todas angolanas.

O próprio nome escolhido pelo coletivo—o Odjango— remete para casa cuja características são: lugar da promoção de diálogo, das rodas de conversas, de acolhimento, de educação, interação com os mais velhos e de justiça(KAVAYA, 2006). Esta mesma autora busca, em seu trabalho, relacionar os métodos pedagógicos construídos/defendidos por Paulo Freire com os princípios do Odjango, para ela há muitas similaridades entre ambos, uma vez que Freire, ao visitar alguns países do continente africano, ficou encantado pela maneira dialógica pelo qual os africanos, no caso os angolanos, se interagem na esfera social, obedecendo aos ancestrais e acolhendo toda forma de conhecimento, princípios que Freire tanto sinaliza em trabalhos de caráter pedagógico.

Para entender a necessidade de movimento como este em foco, é necessário apontar brevemente alguns aspectos históricos de Angola. Segundo Domingos(2018), a História de Angola carrega as cicatrizes de um passado extremamente violento, desde o período da colonização à guerra civil, passado este que afeta diretamente nos setores econômico, social e político deste país na atualidade. Domingos(2018) destaca ainda que, nestes processos opressivos, as mulheres foram e continuam sendo as mais prejudicadas quanto à participação em movimentos sociais e políticos em Angola: “As mulheres, embora constituam a maioria da população, apresentam níveis

---

<sup>1</sup> Estas informações encontram-se no seguinte endereço web: <https://www.odjangofeminista.com/>  
Acesso em: 13/03/2019.

mais baixos em termos de presença e participação activa nos espaços públicos e político, sobretudo naqueles onde há tomada de decisões.”

Como se pode ver, o público feminino foi e continua sendo o mais prejudicado por todos esses processos históricos violentos e discriminatórios que ainda estão enraizados em Angola. As discussões que envolvem a participação e a contribuição da mulher nas esferas sociais e políticas em Angola ainda caminham em passos lentos, isto porque, “ao longo dos anos, a mulher angolana foi relegada para uma posição inferior àquela que era dada ao homem”(LIBERATO, 2016).

Esse cenário marcado profundamente pela desigualdade de gênero só começa a mudar após a independência, em 1975, onde a participação política das mulheres no meio político cresceu moderadamente, porém há diversos problemas que ainda as afetam, como aponta LIBERATO, 2016.

“A principal constatação que fazemos é que apesar das alterações legislativas e das significativas alterações da posição social da mulher em certas classes sociais, no geral, para a maioria das mulheres angolanas, a sua condição real e posição na sociedade não registou alterações significativas ao longo dos 40 anos de independência. A maioria das mulheres angolanas continua numa condição de desigualdade perante o homem, a viver em condições precárias e a reproduzir essa mesma precariedade para as novas gerações.”

Pensando nisso, o odjango emerge como um coletivo que tenta, por diversas formas, quebrar estes paradigmas e alavancar os papéis das mulheres na sociedade, sempre pautado nos princípios da igualdade de direitos e na luta por uma sociedade mais igualitária.

## **Repertórios de ação**

Para que o movimento ondjango tenha maior alcance e consiga mais notoriedade na sociedade angolana, são adotados alguns procedimentos e ações práticas importantes. A começar pelas reuniões realizadas mensalmente, às vezes semanalmente ou quinzenalmente, isso varia muito, pois depende de uma série de fatores, e em diferentes espaços, elas servem para organizar o movimento e congregar pessoas.

As redes sociais a internet também são ferramentas essenciais e são utilizadas pelo coletivo, uma vez que estas permitem alcançar mais pessoas, especialmente as mulheres, e também são úteis para acolher denúncias de violência em relacionamentos abusivos, por exemplo. Há uma página no facebook, alimentada quase que diariamente, onde é possível constatar várias postagens reivindicativas e de denúncias que vão de encontro ao poder político vigente. O odjango possui ainda um site oficial onde disponibiliza informações sobre o coletivo, fotos, artigos, além de abrir espaços para colaborações.

Verifica-se ainda a utilização de cartazes com palavras de ordens em manifestações em ruas tais como: “Acesso à justiça, Chega de violência contra as mulheres, Diga não ao racismo”, entre outros. As passeatas são mecanismos adotados pelo odjango no sentido de aproximar cada vez mais da população de modo geral, além de chamar à atenção dos mais diversos meios de comunicação do país.

### **Interação com o Estado e seus efeitos/ Vínculo com parcerias ou movimentos transnacionais**

No odjango, a participação nas instâncias do Estado ocorre de forma opositora, porém há diálogos e negociações com o mesmo, até porque parte das reivindicações são feitas ao governo. Quando há, por exemplo, uma reunião onde o presidente se encontra presente é importante que o coletivo esteja presente e é geralmente assim que acontece. Nas sessões legislativas não é diferente, as mulheres do coletivo precisam estar representadas para que as pautas de reivindicações sejam devidamente encaminhadas e acatadas.

É importante destacar que não é de pretensão do coletivo se aliar diretamente ao governo, embora ele esteja presente nos processos políticos. Acontece que o Estado é o próprio opressor, e a opressão deve ser combatida por meio dos movimentos sociais, sendo que o odjango vem exercendo este papel na medida do possível. Inclusive há vários relatos de violência e de intimidação empregada pelo Estado contra este próprio movimento em destaque quando sai às ruas e consegue mobilizar outras pessoas.

O coletivo se sustenta graças às colaborações das pessoas que o compõem. Além disso, outros recursos são granjeados por meio de doações de voluntários. Não se tem informações sobre parcerias com movimentos transnacionais ou de algo desta natureza.

## **Considerações Finais**

Diante das principais características e dos objetivos apresentados sobre o coletivo feminista odjango, foi possível identificar que tem muitos problemas e desafios a serem enfrentados e superados, mas aos poucos o movimento está ganhando cada vez mais destaque em Angola.

Uma das principais dificuldades que o movimento enfrenta se referem ao machismo e ao patriarcalismo, ambos são frutos de um processo de construção social, potencializado pela colonização/ocidente, onde a figura masculina é considerada superior à feminina, e não é uma realidade exclusiva de Angola, em várias partes do mundo, nos mais diversos países, seja da África e/ou de outro lugar qualquer do mundo.

Para desconstruir o machismo, por exemplo, não é de uma noite para um dia. É um exercício complexo e que requer tempo. Acredito que o odjango tem esse potencial, e não é à toa que os resultados de suas ações são considerados satisfatórios. E a expansão do odjango está à todo vapor porque utiliza estratégias e ferramental para tal, a exemplo das plataformas digitais(site, facebook, blog, etc.) o acompanhamento dessa evolução é de suma importância para o alcance de determinados objetivos e também para a sensibilização e a conscientização da sociedade.

## REFERÊNCIAS

DOMINGOS, Willi Cardoso. Vozes de mulheres: gênero e cidadania em Angola. **Espacialidades**. [online] Rio Grande do Norte. Vol 13, n1, 2018. Disponível em: <https://cchla.ufrn.br/espacialidades/v13/2018-dossie07.pdf> Acesso em: 10/03/2019

LIBERATO, Ermelinda. 40 anos de independência. Uma reflexão em torno da condição da mulher angolana. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 997-1006, Dec. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p997>. Acesso em: 17 Mar. 2019.

KAVAYA, Martinho. Educação, Cultura e Cultura do “Amém”: diálogos do Ondjango com Freire em Ganda – Benguela / Angola (Dissertação de Mestrado). Pelotas, PPGE, 2006  
KAVAYA, Martinho. Educação, Cultura e Cultura do “Amém”: diálogos do Ondjango com Freire em Ganda – Benguela / Angola (Dissertação de Mestrado). Pelotas, PPGE, 2006